

De onde nasce a esperança? O encontro com Julián Carrón

De onde nasce a esperança? É preciso não fazer batota. Com os outros, mas acima de tudo conosco próprios. É a única, mas inegociável, condição para tirar proveito do que emergiu da entrevista de **Bernhard Scholz** ao padre **Julián Carrón**, na noite de quinta-feira, no **Meeting** de Rimini. Eles não fizeram batota nem sequer um minuto. Nem o sacerdote presidente da Fraternidade de **Comunhão e Libertação**, nas suas respostas; nem o presidente do Meeting nas suas perguntas. Com grande garbo e teutónica tenacidade, o entrevistador não encobriu nenhum dos possíveis escolhos em que a esperança pode esbarrar; e o seu interlocutor nunca se deixou cair na resposta saída do pensamento abstrato, mas pôs sempre em campo a experiência. A sua experiência, através da qual se construiu a sua consciência e a sua fé. E a do ouvinte, de cada um de nós, repetidamente convidado a tomar consciência da sua própria experiência e a dela extrair todas as convicções. Olhar, ver, intercetar, são os termos mais frequentes; no meu caderno não há palavras como estudar, deduzir, pensar, inventar.

Esperança. E a seguir, o despertar do humano, que é o título de um livro recente de **Carrón**. Como é que pode falar sobre o despertar do humano, ataca **Scholz**, num momento tão dramático como este da pandemia? Um tempo, lembra, meses e meses e até quando não se sabe, quando metade do mundo está paralisado, enredado, com medo, bloqueado por regras. Eis o primeiro "vê" de Carrón: "Aqui está o despertar do humano, diante dos nossos olhos; aliás, estamos a vivê-lo: este Meeting que ninguém julgava possível e que, pelo contrário, se recriou novo e vivo aqui e em cento e vinte cidades por todo o mundo». Mas de onde nasce a esperança? A entrevista começa e termina com esta pergunta que é o tema da noite. No meio desenvolve-se um caminho e por isso a resposta final não é um acrescento, mas sim pertinente à existência real. A primeira resposta apoia-se em **Pavese**, e aproxima a esperança da expectativa, inerente ao ser humano e inextricável: "Ninguém nos prometeu nada, então por que esperamos?". A resposta final ... mais tarde.

O primeiro obstáculo, ou primeiro meio engano, é identificar esperança com optimismo. **Carrón** faz falar o **Cândido** do (anticlerical) **Voltaire**, que troça da vontade de argumentar que "tudo está bem" quando a realidade não é assim. Porque a realidade "é implacável, e a nossa sorte consiste em ter ou não um ponto de apoio que resista aos choques". Caso contrário, "uma vez acabadas as tentativas de nos arranjarmos sozinhos, adeus, esperança". Uma forma muito frequente, sugere **Scholz**, de amenizar o golpe da descoberta dessa incapacidade é entrar em *standby*, ficar passivos e esperar que chegue o fim do mau período. Isso é uma ilusão, segundo o guia de CL, porque "levantarmo-nos de manhã tendo como único motivo que o dia passe não alivia nada, mas torna a situação ainda mais insuportável". E então? É a vez de uma frase de Montale: "Um imprevisto é

a única esperança". Sim, mas qual é o ponto de apoio da esperança, mesmo quando a realidade não nos corresponde ou nos parece hostil? Ou seja, como não ser enganados por falsas esperanças? (cada um pode pensar nas falsas esperanças com que de um modo ou outro se deparou, como um pinóquio com o gato e a raposa, ndr.). Aqui está o outro "vê" poderoso de Carrón: "Cada um veja em si mesmo o que o faz ser ele próprio. Cada um pode testar o caminho que percorreu na vida e nesta circunstância do Covid: se percebeu que as dificuldades foram uma provocação à sua inteligência e liberdade, uma oportunidade de crescimento. Ou se aconteceu o que Eliot dizia, que *perdeu a vida vivendo*».

Carrón vai buscar muita coisa à sua experiência como professor e educador. Conta o que explicava aos seus alunos para os fazer compreender que a esperança no futuro se funda sobre qualquer coisa que acontece no presente, segundo a definição de *don* Giussani. Ele dizia aos jovens espanhóis: "Se uma pessoa de quem vocês gostam muito está gravemente doente, tanto que deixa poucas esperanças, e a certa altura vêm a saber que do outro lado do mundo outra pessoa com a mesma doença foi curada, isso muda, e como!, o vosso olhar sobre o futuro ». Só um acontecimento agora, uma *presença*, torna razoável e possível a esperança no futuro. Não uma presença qualquer, no entanto. "Claro que não. Não é qualquer presença que sabe dar segurança na tempestade como a de Jesus no barco com os seus discípulos. Mas aí vemos que a esperança se apoia na fé, na confiança que nós, como os discípulos, depositamos, ou não, naquele homem excepcional, que foi morto e a quem viram ressuscitado, vivo". No fim, tudo se condensa nisto: se é possível que aconteça, aliás, se acontece hoje o que aconteceu há dois mil anos nas margens do mar da Galiléia. **A resposta é: acontece.** Não por magia: pelo encontro com certas pessoas, mudadas por aquele acontecimento e dele testemunhas".

No primeiro dia do Meeting, viu-se uma bela documentação desta experiência. A experiência autobiográfica do intelectual espanhol **Mikel Azurmendi**, que primeiro encontra no rádio uma voz que diz coisas "diferentes", depois um amigo seu, depois outro, todos com uma tão normalíssima vida extraordinária, que chega a ser desejável, e cuja única explicação é Cristo presente.

Na última parte da conversa com **Scholz, Carrón** teve a oportunidade de ilustrar como esta posição não é nem ópio dos povos, nem retirada espiritualista, mas faz com que se ponha a mão na massa com entusiasmo, inteligência e generosidade, na tentativa de construir formas sociais de vida mais justas para o homem. Também não é uma posição que se safa adiando tudo para a vida após a morte. A verificação não está na felicidade eterna, mas no cêntuplo aqui na terra. Aqui abre-se um vasto campo de trabalho em todos os recantos e estruturas da vida. E define-se um verdadeiro caminho de educação e crescimento dos jovens. A começar pela relação pai-filho ou, em todo o caso, educador-discípulo. Este: introduzir à

realidade como grande forja de oportunidades e sugestões, aceitando o risco; e não procurar poupar aos jovens o impacto com a realidade, percebida como uma ameaça contra a qual se proteger, “injetando-lhes o medo no sangue”.

À pergunta inicial - de onde nasce a esperança? - a resposta mais completa, e não um acrescento, é portanto: “De um dom excepcional e inesperado que chega até nós através de um encontro carnal e que nos realiza”.